

VOL II

# POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida  
Mauriceia Silva de Paula Vieira  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2020



VOL II

# POR PALAVRAS E GESTOS

## A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida  
Mauriceia Silva de Paula Vieira  
(Organizadoras)



**EDITORA  
ARTEMIS**  
2020

2020 by Editora Artemis  
Copyright © Editora Artemis  
Copyright do Texto © 2020 Os autores  
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis  
**Edição de Arte:** Bruna Bejarano  
**Diagramação:** Helber Pagani de Souza  
**Revisão:** Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.  
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

**Editora Chefe:**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Organizador:**

Wilson Noé Garcés Aguilar

**Bibliotecário:**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Conselho Editorial:**

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P832 Por palavras e gestos [recurso eletrônico] : a arte da linguagem vol II  
/ Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva  
de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-11-8

DOI 10.37572/EdArt\_118310720

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de  
Paula. II. Almeida, Patricia

CDD 469

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

## APRESENTAÇÃO

Os estudos que envolvem a linha de ensino-aprendizagem de línguas, seus métodos e seus princípios, percorrem searas diversas e acabam por tangenciar as questões relacionadas aos aspectos culturais. Por essa razão, é recorrente a menção de que língua e cultura são indissociáveis, posição essa reverberada por Kramsch (1998) que, há mais de duas décadas, já afirmava que as línguas expressam e simbolizam realidades culturais.

Desta forma, seja nos aspectos instrumentais da língua, seja nas especificidades do ensino da língua materna, neste caso a língua portuguesa, bem como nas peculiaridades do ensino de língua estrangeira - língua inglesa e língua portuguesa para estrangeiros - e ainda na sutileza da língua brasileira de sinais e da língua indígena, os aspectos linguísticos estão entrelaçados às questões culturais.

Considerando também as oportunidades e possibilidades oriundas de um novo saber constituído pelo processo de ensino-aprendizagem de línguas, é possível perceber que independentemente do prisma em que se observa, se estuda e se teoriza o processo de ensino-aprendizagem da língua, as premissas da internacionalização se fazem presentes quando a intenção é fornecer subsídios que viabilizem as trocas interculturais entre os aprendizes de línguas. Não limitado aos aspectos linguísticos, é possível encontrar no ensino da literatura, dos gêneros textuais, dos enunciados - e porque não mencionar dos comportamentos sociais vistos como uma manifestação de linguagem - congruências que permitem ressaltar sua significação em benefício do aprendiz de línguas.

Assim, esperamos que este segundo volume do livro *Por Palavras e Gestos: A Arte da Linguagem* seja mais uma contribuição para os profissionais e estudiosos que se veem envolvidos na busca da compreensão dos diversos aspectos que constroem o processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Patricia Vasconcelos Almeida  
Mauriceia Silva de Paula Vieira

## SUMÁRIO

### O ENSINO DE LÍNGUAS E SUAS NUANCES

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A LINGUAGEM DE ALUNOS DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA	
Elaine Lima de Sousa Marta de Faria e Cunha Monteiro	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1183107201</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL EM LÍNGUA INGLESA	
Rafaela Sepulveda Aleixo Lima Aline das Graças Monteiro Miranda Barros	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1183107202</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
LEITURA E PRODUÇÃO DE SINOPSE DE FILMES: EM CENA A COMPREENSÃO INTERCULTURAL DO CINEMA <sup>1</sup>	
Alana Oliveira da Cruz Ventura Risonete Lima de Almeida	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1183107203</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS POR FALANTES DO INGLÊS E A PERMEABILIDADE DA INTERLÍNGUA	
Edith Santos Corrêa	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1183107204</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
ENSINO DE LÍNGUAS BASEADO EM TAREFAS: PRINCÍPIOS PARA A ELABORAÇÃO DE TAREFAS	
Catarina Castro	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1183107205</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
O REFLEXO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DA VIOLÊNCIA NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA O ENSINO DO PLE	
Javier Martín Salcedo	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1183107206</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
O ROTEIRO CULTURAL COMO CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO DO OUTRO	
Maria Isabel Cipriano Machado	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1183107207</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
LETRAMENTO INTERCULTURAL BILÍNGUE NA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA TUPANA YPORÓ EM IRANDUBA, MUNICÍPIO DO ESTADO DO AMAZONAS	
Alesandro de Lima Gomes Francisca de Lourdes Souza Louro	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1183107208</b>	

**CAPÍTULO 9 ..... 105**

AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO IFMT CAMPUS BARRA DO GARÇAS: OPORTUNIDADES E POSSIBILIDADES A PARTIR DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Renata Francisca Ferreira Lopes  
Rafael José Triches Nunes  
Elisângela Kipper  
Ana Paula Vasconcelos da Silva  
Renan Rezende Coelho  
Kelly Cristhel do Nascimento Pimentel  
Kátia Caetano Diniz Bonfim  
Raquel Araújo Mendes de Carvalho

**DOI 10.37572/EdArt\_1183107209**

**OUTROS SENTIDOS PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LINGUAS**

**CAPÍTULO 10 ..... 119**

A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO PODE SER UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE UM LEITOR?

Frank Alves Damasceno

**DOI 10.37572/EdArt\_11831072010**

**CAPÍTULO 11 ..... 130**

LEITURA E ESCRITA: UMA PROPOSTA DE ENSINO COM O GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA APLICÁVEL AO ENSINO MÉDIO

Manoel Cândido Nogueira (UFMG)  
Leandro de Souza França (UFMG)  
Hérica Paiva Pereira (UFMG)

**DOI 10.37572/EdArt\_11831072011**

**CAPÍTULO 12 ..... 141**

DISCURSO MONOLÍNGUE E PRÁTICAS DE TRANSLINGUISMO: UM ESTUDO SOBRE OS ENUNCIADOS DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Noêmia Maria de Souza

**DOI 10.37572/EdArt\_11831072012**

**CAPÍTULO 13 ..... 152**

O MITO AMAZÔNICO: UMA TRADIÇÃO ORAL

Micheline Tacia de Brito Padovani

**DOI 10.37572/EdArt\_11831072013**

**CAPÍTULO 14 ..... 162**

ASPECTOS SIMBÓLICOS DO ALEITAMENTO MATERNO

Danielle de Fatima Silva Ferreira

**DOI 10.37572/EdArt\_11831072014**

**SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 178**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 179**



## O REFLEXO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DA VIOLÊNCIA NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA O ENSINO DO PLE

Data de submissão: 17/05/2020

Data de aceite: 20/07/2020

**Javier Martín Salcedo**

Universidade Federal da Bahia – UFBA (Brasil)

Universidad de Granada – UGR (Espanha)

<http://lattes.cnpq.br/2072615888115374>

**RESUMO:** Neste artigo objetivamos discutir como os diversos tipos de violência fazem parte das diferentes culturas e determinam, no nosso caso, o cotidiano da sociedade brasileira. Além disso, trataremos, sob o foco de uma abordagem intercultural, alguns dos hábitos e comportamentos mais frequentes no Brasil com relação à violência e como tal fato influencia na própria língua portuguesa falada neste país, com termos tais como: *saidinha bancária ou arrastão*, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino e aprendizagem de PLE; Interculturalidade; Violência.

**ABSTRACT:** In this paper we aim to discuss how the different types of violence are part of different cultures and determine, in our case, the daily life of Brazilian society. In addition, we will deal, under the focus of an intercultural approach, some of the most frequent habits and behaviors in Brazil in relation to violence and

as such influence in the Portuguese language spoken in this country, with terms such as: *saidinha bancária ou arrastão*, among others.

**KEYWORDS:** Portuguese teaching and learning; Interculturality; Violence.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em muitos dos países da América Latina a violência vem adquirindo proporções significativas nas últimas décadas. Segundo os dados do 11º Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>1</sup>, o Brasil atingiu em 2016 o maior número de mortes violentas intencionais, como homicídios e latrocínios, da sua história: 61.619 vítimas, o equivalente a 168 óbitos por dia, sete por hora.

Nesse nítido cenário de violência e partindo do pressuposto de que a língua é traço constituinte da cultura e da identidade de um povo, entendemos que, sendo a violência uma realidade significativa da sociedade brasileira, pressupõe-se que ela deve afetar às práticas sociais, culturais e linguísticas desse âmbito cultural. Nesse sentido, este trabalho pretende mostrar algumas considerações acerca do cenário social do Brasil com relação à violência / delinquência e como ela influencia nas práticas

1 Para maiores informações, consulte o site: [www.forumseguranca.org.br/publicacoes/11o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica](http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/11o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica).



sociais e nos hábitos dos brasileiros, bem como faz parte da própria identidade cultural brasileira, infelizmente.

Em ocasiões, devido ao tabu que envolve, diversas temáticas não são abordadas na sala de aula. Este poderia ser um dos motivos pelo qual os professores de português como língua estrangeira (doravante, PLE) não tratam aspectos com relação à violência, pois logicamente pode-se danificar a imagem da cultura brasileira. No entanto, entendemos que maquiar esta realidade social não seja positivo, sabendo que a maior parte dos brasileiros sofre e vivencia com este cenário. Por isso, defendemos um conhecimento cultural como este e o que é mais relevante proporcionar ao discente uma consciência sociocultural – onde este saber possa agir nas culturas, conhecimento este que envolva nas atitudes, crenças, motivações e sentimentos dos sujeitos que compõem as mesmas (BAPTISTA, 2004). Nesse sentido, ensinar como um estudante de PLE deve agir ou lidar com episódios de violência na sua estadia no Brasil ou como precavê-lo a exposição à violência, ajudará o nosso aluno a desenvolver atitudes e sentimentos a fim de poder encarar diversas situações. É relevante, pois, que seja considerada nas aulas de PLE a realidade social e cultural dos países ou territórios onde se fala a língua objeto. Em soma, a violência é inevitavelmente um aspecto cultural significativo da língua e realidade do Brasil.

## **A CULTURA E INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DE PLE**

Na minha própria experiência como estrangeiro que mora no Brasil, já desde o início da minha chegada, tive a percepção da preocupação de grande parte dos brasileiros com a insegurança no País e como a violência e o receio a ela determinam o cotidiano dos cidadãos e cidadãs desta nação. Não é difícil escutar até hoje, recomendações ou advertências do que fazer ou não, bem como onde ir e não ir. Lembro de exemplos, tais como: você não deve andar com relógio ou corrente em certos lugares; se tiver jogo de futebol perto, é melhor terminar a aula antes do mesmo, já que existe o risco de confrontos entre torcidas; não deixe objetos a mostra dentro do carro; evite ficar numa parada de ônibus em altas horas; tente não usar o celular ou não atender o mesmo na rua, nunca se sabe quem pode estar lhe observando, entre outros. Muitas dessas orientações começaram a fazer parte dos novos hábitos sociais que como estrangeiro devia aprender para poder sobreviver com integridade e precaução. Já escutei inúmeras vezes sentenças que eu não tinha ouvido anteriormente na minha língua e cultura, e que nem sequer saberia até hoje traduzir, tais como: se for assaltado, não reaja; não leve o celular na festa; ou bandido bom é bandido morto.

Dessa forma, comecei a entender que a língua vai mais além do que um simples veículo de comunicação, uma vez que ela reflete a cultura, os hábitos sociais, as

crenças e percepções, a visão de mundo das culturas que se manifestam nessa própria língua.

A primeira noção de cultura como conceito foi formulada por Edward Tylor (vide MENDES, 2015, p. 205). Nas palavras desta autora, Tylor sintetizou o termo germânico *Kulture* a palavra francesa *Civilisation* no conceito inglês *Culture*, que definiu: “[...] tomado em seu amplo sentido etnográfico é este o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” (LARAIA, 1999, p. 25 *apud* MENDES, 2015, p. 206).

Nesse sentido, como professores de línguas estrangeiras, podemos entender a língua como cultura (KRAMSCH, 1993), uma língua que implica esses costumes, essas crenças, esses hábitos adquiridos que refletem nas nossas interações cotidianas e nas nossas produções e compreensões de sentido. Por isso, como estudantes de línguas estrangeiras, não é só a língua que precisamos aprender, mas também é necessário adaptar-se as “maneiras de ser” nessa língua. Mendes (2008, p. 63) afirma que: “quando ensinamos e aprendemos uma nova língua, entram em contato mundos culturais diferentes, representados pelas culturas individuais de professores e alunos”.

Sob essa perspectiva, Kramsch (1993, p. 188 – tradução nossa) observa que “cultura é uma realidade que é social, política e ideológica e que a dificuldade de entender códigos culturais vem da dificuldade de ver o mundo da perspectiva do outro, não de compreender códigos gramaticais ou lexicais.” É claro que qualquer língua não se resume apenas em palavras e regras a fim de poder agrupá-las corretamente; ela não é simplesmente um conhecimento a ser aprendido, vai muito mais além disso, é uma noção dinâmica e em contínua mudança na qual estamos inseridos; são formas de ver, se comunicar e entender o mundo. Sem sombra de dúvidas, um idioma é uma prática social da qual participamos. Por isso, observamos que para poder sobreviver em outra cultura, talvez seja necessário fazer algumas adaptações no nosso modo de ser e na nossa própria visão de mundo. Dessa maneira, quanto mais o estrangeiro esteja inserido e conheça o contexto em que é gerado o pensamento e conduta naquele idioma, melhor, mais eficaz e mais adequada será a produção e recepção de sentido.

Assim, um estudante de PLE deve saber e, portanto, aprender diferentes modos de ser em português brasileiro, uma vez que no Brasil:

- Não é permitido falar ao celular nos bancos (Lei nº 14.961 de 08/07/2011);
- É permitido avançar o sinal vermelho a partir das 22 horas com uma velocidade reduzida e com atenção;
- Recomenda-se que esconda seu celular por baixo do cós da calça ou bermuda;

- É bom não esquecer o “celular do ladrão” em casa, evitando, assim, ser agredido fisicamente;
- Convém evitar sacar dinheiro de madrugada, mesmo sabendo que a maioria dos caixas em pontos de autoatendimento já tem horário programado para encerramento;
- Deve-se optar por morar, se a sua condição financeira permitir, num condomínio fechado;
- É recomendável sempre evitar falar ao celular na rua para não atrair os assaltantes;
- Na medida do possível, é melhor não pegar ônibus depois das dez da noite ou ficar numa parada sozinho;

Nos diversos contextos de ensino e aprendizagem de PLE, os professores podem explicitar a interculturalidade como noção relevante, dado que ela aborda uma forma de mediação cultural da qual o aprendiz participa. Dito de outro modo, ao mesmo tempo que o estudante aprende a cultura do outro, ele aprende, também, sobre a sua própria cultura. Além disso, “saber como funcionam as duas culturas em contato gera um benefício duplo. Provoca uma reflexão e, paralelamente, possibilita uma tomada de consciência sobre o que é próprio e o que é alheio” (SALCEDO, 2017, p. 162), sendo cientes do que é próprio de nossa cultura quando contrastamos nossos hábitos com os do outro. Com relação a isso, Areizaga (2007, p. 7-8) sublinha que é impossível compreender outra cultura sem ter consciência da sua e da relatividade de ambas. Desta forma, como professores de PLE, devemos incentivar os nossos alunos a adquirir “a capacidade de abrir-se para o outro, para o que é diferente, contribuindo para fazer do “estranho”, estrangeiro, algo familiar e próximo” (MENDES, 2008, p. 59).

Nesse sentido, o professor, enquanto “agente político” e “mediador de culturas” (PENNYCOOK, 1994, p. 32), é chamado a ensinar uma língua que representa, expressa e incorpora pensamentos e visões de mundo que podem ser diferentes das dos alunos. Em outras palavras, o desafio é entender a língua como cultura e não apenas língua e cultura como conceitos dissociados. No nosso caso concreto, é óbvio que a violência não é conceituada, nem vivenciada, da mesma forma no Brasil do que na Espanha, dado que ambos os países apresentam realidades sociais que diferem. Dessa forma, os índices de violência extrema do Brasil acabam determinando a perspectiva, a visão e os hábitos dos brasileiros que se encontram imersos nesse grande problema social.

Por mais que a violência seja alarmante no Brasil, é importante salientar que a veracidade da mesma ocorre de acordo com a situação socioeconômica das regionais dos municípios e das realidades dos indivíduos. Podemos exemplificar dos bairros que compõem Fortaleza, capital cearense. O Barroso, na grande Messejana, onde



a criminalidade é gritante, com problemas de infraestruturas e uma população com baixo nível de escolaridade, entre muitos outros. Enquanto isso, na mesma cidade existe um bairro denominado Meirelles, no qual possui uma maior percentagem de pessoas com um nível acadêmico alto, maiores taxas de emprego, uma excelente infraestrutura e o índice de criminalidade baixo, considerado, assim, um bairro nobre da capital. Esta realidade acontece de cidade para cidade dentro do mesmo país. Mediante a mesma, há quem afirme que existem “dois” Brasil, uma sociedade dividida em dois cenários totalmente paralelos.

De qualquer forma, é importante entendermos o ensino na sua pluralidade. Mesmo sendo a violência uma temática possivelmente tabu, devemos sistematicamente trazer essas e muitas outras questões à tona para as nossas aulas com o intuito de levar as diferentes vozes dos sujeitos dessa língua com relação às questões sociais –dentre elas, por exemplo, o fato da violência na sociedade– escutar e entender as percepções e visões dos aprendizes que, diga-se de passagem, devem ser levadas a sério, no que diz respeito às temáticas sociais, uma vez que os estudantes nos irão proporcionar diversas formas de conceituar o mundo, maneiras estas influenciadas pelas suas vivências e experiências pessoais e em sociedade. Apesar dos aprendizes compartilharem uma mesma língua nativa em comum, o fato de eles participarem de uma multiplicidade de “culturas” nesse idioma –situação socioeconômica, gênero, orientação sexual ou afiliação religiosa ou política– raramente é levado em conta.

Byram e Kramsch (2006), no trabalho *Why is it so difficult to teach language as culture?*, analisam experiências tanto em oficinas para professores de língua como em salas de aula e discutem as implicações de se ensinar língua como cultura. A partir desta pesquisa, os autores observam que, segundo os professores, as dificuldades que eles encontram a respeito de uma abordagem intercultural se devem a três motivos: a falta de conhecimento cultural na língua estrangeira, ao medo de cair nos estereótipos e a camisa de força que supõe os imperativos do enfoque comunicativo nas pedagogias de ensino de línguas estrangeiras atualmente. Talvez essas sejam algumas das razões pelas quais, em ocasiões, os docentes não consigam abordar aspectos culturais, sob um viés intercultural, nas suas aulas de línguas estrangeiras. Na realidade, ao invés de apresentar e prescrever fatos e comportamentos culturais, docentes e discentes devemos almejar um “processo que implique o entendimento da estrangeiridade ou alteridade (KRAMSCH, 1993, p. 206). Por isso, não é de se estranhar que Byram afirme:

o ensino de línguas estrangeiras, por ter a experiência da alteridade no centro de suas preocupações, tem uma contribuição particular em preparar os aprendizes para o encontro com o outro, o que requer que os alunos se envolvam tanto em experiências familiares e não-familiares por intermédio de uma outra língua (BYRAM, 1997, p. 3 – tradução nossa).

A interculturalidade parte dessa premissa, da alteridade, do entendimento e o encontro com o outro, da diferença, de uma prática culturalmente sensível aos

sujeitos participantes desse processo de aprendizagem. Mendes (2007, p. 121) evidencia que “não há encontro de diferenças sem conflito.” É justamente a partir da natureza conflituosa desses encontros que a dita pesquisadora situa o conceito de interculturalidade. Seja como for, é claro que ela é um diálogo entre as diversas culturas, bem como uma negociação entre as mesmas, que não necessariamente deve ser entendida nessa perspectiva conflituosa da autora. Sabemos que a cultura é, na verdade, um construto social; é, portanto, um produto da percepção de nós mesmos, bem como da percepção do outro. Nesse sentido, este artigo é produto da percepção que o autor como estrangeiro que é tem das suas observações e vivências no Brasil. Dessa forma, tenta-se aproximar a temática sob uma ótica intercultural, uma vez que o trabalho é uma reflexão do próprio autor.

## A VIOLÊNCIA COMO CULTURA SOCIAL NO BRASIL

A violência é um fenômeno social complexo que compromete o direito fundamental à vida, à liberdade e à dignidade humana. No nosso entendimento, é uma noção polissêmica, isto é, apresenta diferentes sentidos, uma vez que o seu significado se define a partir do seu contexto formador no que tange ao social, econômico e cultural, de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade e levando em consideração o nível de tolerância de dita sociedade para com a violência (SANTOS, 1999). Ela, por sua vez, está relacionada com questões de natureza sociocultural e ideológica, constituindo-se num poderoso indicador de qualidade de vida de uma cultura, já que a mesma diz respeito às condições gerais de existência, de trabalho e de interação entre os diferentes indivíduos que integram essa sociedade.

Basta apenas dar uma folheada nos principais jornais do Brasil para perceber o alarmante problema que a violência representa para o País. Podemos nos encontrar, dessa forma, com manchetes do gênero: uma semana, 1.195 mortes: o retrato da violência no Brasil<sup>2</sup>; Brasil tem recorde de violência com sete mortes intencionais por hora em 2016<sup>3</sup>; Atlas da Violência 2017: negros e jovens são as maiores vítimas<sup>4</sup>.

2 Notícia extraída do jornal on-line Globo.com. A reportagem de 25 de setembro de 2017 aponta as possíveis causas e o que é possível fazer para acabar com essa epidemia de mortes. Afirma que no país encontramos uma média de uma morte a cada oito minutos decorrente da violência. São crimes que, na maioria das vezes, ficam esquecidos – casos de homicídios, latrocínios, feminicídios, mortes por intervenção policial e suicídios espalhados pelo Brasil. Para maiores informações, consulte o link: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/uma-semana-de-mortes-o-retrato-da-violencia-no-brasil.ghtml>.

3 Notícia extraída do jornal on-line Araraquaranews. A notícia de 30 de outubro de 2017 afirma que o país contabilizou mais de 61 mil mortes violentas intencionais no ano passado, número que indica alta de 3,8% em relação a 2015 e equivale ao total de vítimas da explosão da bomba atômica de Nagasaki, na 2ª Guerra Mundial. Para maiores informações, consulte o site: <https://araraquaranews.com.br/v2/brasil-tem-recorde-de-violencia-com-sete-mortes-intencionais-por-hora-em-2016>.

4 Notícia extraída do jornal on-line Carta Capital. A reportagem de 5 de junho de 2017 mostra que a população negra, jovem e de baixa escolaridade continua totalizando a maior parte das vítimas de homicídio no país. Para maiores informações, consulte o link: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/atlas-da-violencia-2017-negros-e-jovens-sao-as-maiores-vitimas>.

Estas notícias refletem que a situação neste país da América Latina, às vezes, supera infelizmente os elevados números de mortes em conflitos bélicos.

A situação do Brasil é preocupante, porque os dados mostram uma tendência no crescimento do uso de armas de fogo na mortalidade geral por violência, do início para o fim desta década. Pesquisas revelam que, para cada vez que uma arma é usada em defesa própria, ela é utilizada 43 vezes para cometer homicídios ou suicídios, fato que deveria provocar uma reflexão acerca do controle no porte de armas.

Para muitos brasileiros que já conversei, os problemas que o país arrasta historicamente têm grande relevância na dinâmica da violência. Dentre aqueles que mais afligem a sociedade brasileira neste momento, podemos evidenciar que as consequências das extremas desigualdades sociais, do desemprego e da exclusão social; a situação de corrupção e impunidade que vive o país; a crise de valores e a violência nos ambientes de trabalho, assim como a violência interpessoal e doméstica, levam aos cidadãos a possuir um forte sentimento de insegurança que tende a exacerbar o individualismo e promover o isolamento social. Além disso, os indivíduos aos poucos estão se acostumando com essas barbáries do dia a dia como algo natural. Esta naturalização da violência é perceptível nas letras de algumas músicas onde se evidencia uma apologia das diversas formas de violência, tais como: que tiro foi esse (Jojo Toddynho); metralhadora (Banda Vingadora); tudo nosso, nada deles (Igor Kanário); surubinha de leve (Mc Diguinho), entre outras.

Diante desse triste cenário cultural, cabe elucidar como possíveis causas desse drama social: o crime organizado e as deficiências no controle do porte de armas; a grande desigualdade social provocada pela má distribuição da renda; o aumento do uso de drogas por parte da população mais vulnerável; os problemas na assistência aos mais pobres e às vítimas da violência; ou a propensão de certos setores da polícia a agir como juiz e júri daqueles que consideram “elementos marginais”, podendo escutar sentenças bem generalizadas na sociedade como “bandido bom é bandido morto”, entre outros fatores.

Agora, cabe nos perguntar: quais parâmetros definem um ato ou situação violenta? Como diferenciar a violência do é ou não é? Para isso, podemos considerar ela como todo ato em que se aplica uma dose de força excessiva aplicada contra alguém intencionalmente e que cause uma agressão a esse tal alguém. Dessa forma, encontramos várias manifestações ou modalidades no que tange à esta noção, tais como: violência nos conflitos bélicos e seus efeitos; violência interpessoal –brigas por motivos passionais–; conflitos intrafamiliares –atingindo sobretudo crianças, mulheres e idosos–; conflitos entre gangues e quadrilhas; tentativas de suicídio; violência no trânsito, entre outros tipos de agressões.

Charlot (2002) sublinha que a violência enfatiza o uso da força, do poder ou



da dominação, e que, de certa forma, toda agressão é violência na medida em que usa a força. Santos (2004), por sua vez, destaca que as diferentes formas de violência podem ser explicadas se conceituamos a mesma como um ato de excesso no exercício de cada relação de poder presente nas relações sociais.

De qualquer forma, as formas de violência vão muito além das simples agressões, uma vez que ela é um fenômeno complexo que envolve aspectos sociais, individuais, culturais e econômicos. Por isso, sendo justos, devemos ir muito mais além das implicações que a violência carrega a fim de que nos permitamos, pelo menos, não reduzir este conceito apenas ao mundo da delinquência. Sabemos que existem diversas formas da mesma.

Por uma parte, podemos denominar de violência estrutural àquela que dizima a capacidade e liberdade do indivíduo, ao impor visões e comportamentos como camisa de força que impede o sujeito agir e pensar de forma diferente. Ela se aplica tanto nas estruturas organizadas e institucionalizadas –a família ou a escola– como nos sistemas econômicos, culturais e políticos e objetiva a opressão de grupos, nações e indivíduos.

Por outra, e como contrapartida a este tipo de violência, encontramos uma violência de resistência que se constitui através de diferentes formas de resposta dos grupos, nações e indivíduos oprimidos à violência estrutural. Geralmente este tipo de violência não é naturalizada ao invés da estrutural, mas bem tudo ao contrário, é objeto de repressão por parte dos detentores do poder político, econômico ou cultural. Na realidade, violência e justiça encontram-se numa complexa dialética dicotômica. Conforme o contexto e os sujeitos que intervêm, podemos falar de uma violência que pisoteia a justiça ou de uma violência que restabelece e defende a justiça (DENISOV, 1986).

É claro que existe o que se chama violência da delinquência que é aquela que se revela nas ações fora da lei socialmente reconhecida. A análise deste tipo de ações violentas, às vezes, precisa do entendimento da violência estrutural, que não só confronta os indivíduos uns com os outros, mas também os corrompe e impulsiona ao delito. A desigualdade, a alienação do trabalho, o menosprezo de valores e normas em função do lucro, o desrespeito aos diversos grupos sociais, o machismo e o culto à força são alguns dos detonantes que contribuem para a expansão da delinquência nas nossas sociedades.

No entanto, a violência, em certas ocasiões, não é tão perceptível, se manifestando de uma forma sutil. Tal categoria é conhecida como violência simbólica, conceito criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1991). Ela se expressa na imposição legítima e dissimulada, através da interiorização da cultura dominante. Ela é conceituada em atos praticados sem esse sentido de agressão física. O dominado não se opõe ao seu opressor, uma vez que ele não se percebe como vítima desse

processo, ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável. É aplicada na vítima uma violência de índole simbólica que não deixa de ser, pois, um tipo de agressão.

Como professores de línguas estrangeiras, cabe refletir e atentar para estas modalidades de violência, uma vez que, no campo educacional, a violência simbólica muitas das vezes passa despercebida. No entanto, em algumas situações, ela é claramente identificável. Se pretendemos ser bons profissionais no nosso campo de atuação que é o ensino, devemos evitar algumas práticas. Por exemplo, não é conveniente que as regras da escola, assim como o roteiro da disciplina ou a avaliação, não estejam claras. Não é interessante que os alunos sejam prejudicados ou não escutados. É inaceitável que o docente aproveite sua condição para impor a sua ideologia, sem levar em conta as trocas de ideias entre todos. Além disso, é importante refletir com relação à imposição de tarefas e evitar se afastar muitas vezes do trabalho, já que pode que o educador não consiga responder aos anseios dos educandos. Nestes e muitos outros casos podemos dizer que é exercida sobre os discentes a violência simbólica, pois com estas práticas “antipedagógicas” desrespeitamos o outro, o nosso aluno, exercendo um abuso de poder que como professores não possuímos e que é legitimado pelas relações assimétricas existentes entre professor e aluno.

## **A CULTURA DA VIOLÊNCIA E SUA INFLUÊNCIA NO CENÁRIO LINGUÍSTICO**

Desde os tempos imemoriais existe uma preocupação do ser humano em entender a essência do fenômeno da violência, sua natureza, suas origens e meios para o seu desenvolvimento, a fim de atenuá-la, preveni-la e eliminá-la da esfera social. No entanto, em ocasiões, os esforços infelizmente são inúteis. Como já foi supracitado, a cultura da violência vai mais além da própria agressão, pois existem diversas manifestações violentas perceptíveis ou dissimuladas. Ademais, ela envolve elementos complexos que têm a ver com parâmetros sociais, culturais e individuais.

No entanto, neste texto discutimos a importância de conceituar a língua como cultura, inequivocamente indissociáveis, dando ênfase aos aspectos interculturais relevantes para o ensino de línguas estrangeiras. Dessa forma, entendemos que a cultura da violência é uma temática recorrente do Brasil que contrasta com outras línguas e culturas, podendo destacar como a violência afeta a identidade linguística e cultural deste País. Para isso, nestas linhas vamos abordar como essas práticas violentas ou ações da delinquência influenciam na conceituação da realidade e, portanto, da língua. Uma cultura da violência que nos deixa no português brasileiro expressões ou vocábulos, tais como:

a. *A saidinha de banco ou saidinha bancária*

É uma unidade pluriverbal que o espanhol europeu desconhece, pois não é uma prática habitual nesse país. Este conceito responde a uma modalidade de crime que consiste no assalto ou furto realizado logo após a vítima sacar uma quantia, na maior parte das vezes elevada, dos bancos ou caixas eletrônicos. É uma prática criminosa que, além de proporcionar ao português brasileiro de um termo característico deste, implica umas consequências nas práticas sociais ou culturais dos indivíduos que moram neste território como a proibição do uso de celulares no interior das agências bancárias e a obrigatoriedade dos bancos e casas lotéricas de instalarem câmeras de vigilância em sua área externa.

b. *O arrastão*

Vocábulo próprio do português brasileiro que denomina uma tática de roubo coletivo urbano que consiste no furto de dinheiro, celular, relógio, anel, corrente, bolsa, entre muitos outros objetos, chegando às vezes até mesmo sem roupas às vítimas por esse grupo de delinquentes. É um termo de incorporação recente no português, uma vez que os primeiros arrastões aconteceram na década de oitenta na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro.

c. *O celular do ladrão*

É, indubitavelmente, outra expressão relativamente recente do português do Brasil. É uma prática social bastante comum que alguns brasileiros levem dois celulares, sendo um deles para o ladrão, daí que receba aquele aparelho mais velho o nome do celular do ladrão. Tal prática cultural - o simples ato das pessoas andarem com o objeto “do ladrão” – não só reflete no léxico da língua portuguesa, mas também revela um reconhecimento implícito por parte da população do ambiente inseguro em que se vive. É um claro indicativo de que a sociedade brasileira vive num clima em que a violência faz parte do cotidiano.

Numa matéria de um jornal intitulada: “*O “celular do ladrão” e o medo internalizado*”<sup>5</sup> mostram-se depoimentos de vários cidadãos entrevistados que revelam que esta prática é conhecida e habitual numa grande parcela da população. Sentenças tais como: “agora se for ter risco de roubo eu dou o mais pobrezinho”; “qualquer coisa já passo o mais pebinha”, “o celular do ladrão geralmente é bem mais simples e com menos funções” ou “levo aquele celular esquecido da família ou que ficou velho demais” refletem que o medo faz parte do dia a dia de muitos brasileiros. Porém, é importante frisar que, mesmo a vítima levando um celular com menos valor, tal fato não a exime de sofrer sérias agressões.

Infelizmente, como a percepção social da delinquência é suficientemente clara

5 Notícia extraída do jornal on-line Leia Já. A matéria de 8 de junho de 2015 mostra como a população brasileira naturalizou, de fato, a violência. Para maiores informações, consulte o site: <http://www.leiaja.com/noticias/2015/06/08/o-celular-do-ladrao-e-o-medo-internalizado>.



e nítida, esta prática cultural vai mais além do celular do ladrão, pois há registros de pessoas que andam com duas bolsas no carro e outras que separam uma quantia em dinheiro no bolso para dar ao bandido caso haja necessidade.

É claro que nesse cenário que vive o país qualquer precaução seja pouca. Daí que nossos hábitos mudem e tentemos evitar usar o celular na rua, já que tal prática se tornou uma exposição à violência cada vez mais frequente e comum.

#### d. *O chupa-cabra*

Termo que define uma forma de fraude financeira de alta tecnologia. O golpe do chupa-cabras possui mecanismos sofisticados de leitura de dados para copiar as informações da fita magnética de seu cartão de débito ou crédito. Prática criminosa que é usada não só em restaurantes como também em postos de gasolina e caixas eletrônicos.

Esperamos que estes vocábulos e expressões tenham contribuído para entender como, de fato, uma realidade social pode chegar a influenciar no léxico de um idioma dado, demonstrando, assim, que a língua deve ser entendida como uma prática social, sendo que qualquer prática social e/ou cultural no Brasil vai ter certamente um reflexo no português brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto tratamos da importância de alguns itens culturais no que diz respeito à violência e suas práticas criminosas. Do mesmo modo, objetivamos discutir, sob o foco de uma abordagem intercultural, alguns dos hábitos e comportamentos mais frequentes no Brasil para evitar a violência e como tal fato influi na língua portuguesa falada neste País.

Defendemos a elaboração de materiais didáticos em PLE que pretendam mostrar diversos aspectos culturais e linguísticos das culturas e línguas envolvidas, a fim de os aprendizes poderem refletir e confrontar a relação entre a língua portuguesa e as outras línguas-culturas em contato. Considera-se relevante aplicar os mesmos nas nossas aulas, a fim de elaborar propostas que abordem estes e outros conteúdos linguístico-culturais, quase imperceptíveis, formas de dizer culturalmente marcadas, que possibilitam saber agir na língua e que diferenciam um falante nativo de um falante estrangeiro com falta de competência sociocultural na língua estrangeira.

A violência no Brasil é um componente culturalmente marcado que deve aparecer nas aulas de línguas. Na realidade, podemos entender o tabu que esta questão envolve, uma vez que ela pode denegrir a imagem do País com relação aos nossos alunos. Agora, depende de nós como professores abordar a questão da violência com profissionalismo e em toda a sua dimensão, sem cair nos estereótipos; sendo

que tal assunto abordado e explícito em sala de aula poderá servir como uma fonte de informação e reflexão, caso alguns discentes tenham pretensões em viajar para o Brasil, servindo como uma forma de precaução, alerta e cuidado.

Por último, é preciso também, com o intuito de combater a perpetuação dos eventos violentos, que a população valorize o sentimento de dar importância à vida, de participar da solidariedade entre os grupos sociais porque, se bem que a violência é um evento construído na sociedade, apenas nela e através dela poderá ser desconstruído.

## REFERÊNCIAS

- AREIZAGA, E. Enseñanza de lenguas e interculturalidad: ¿estamos hablando todos de lo mismo? In: Ibáñez, J. & Sanz de la Cal, E. & Goicoechea, N. **II Jornadas de didáctica de la lengua y la literatura: hacia una competencia plurilingüe en el espacio europeo**. Universidad de Burgos, 2007.
- BAPTISTA, L. M. T. R. **Língua e cultura no ensino de espanhol a brasileiros: contribuições para a formação de professores**, Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- BOURDIEU, P. **Language and symbolic power**. Trad. G. Raymond & M. Adamson. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- BYRAM, M. **Teaching and assessing intercultural communicative competence**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.
- BYRAM K. & KRAMSCH C. Why is it so difficult to teach language as culture? **The German Quarterly** 81.1, 2008, p. 20-34.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, n.8, 2002, p. 432-443.
- DENISOV, V. **Violencia Social: ideología y política**. Moscú: Progreso, 1986.
- KRAMSCH, C. J. **Context and Culture in Language Teaching**. 3a ed. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- MENDES, E. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “entreculturas”. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz; SILVA, Kleber Aparecido da (Org.). **Linguística aplicada: múltiplos olhares**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- MENDES, E. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem de ensino intercultural. In: MENDES, Edleise; CASTRO, Maria Lúcia (Orgs.). **Saberes em português: ensino e formação docente**. Campinas/SP: Pontes, 2008.
- MENDES, E. A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2. **EntreLínguas**, Araraquara, v.1, n.2, 2015, p. 203-221.
- PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an international language**. Essex: Pearson Longman, 1994.

SALCEDO, J. M. O Reflexo da cultura alimentar brasileira na língua portuguesa: aspectos relevantes para o ensino do PLE na Espanha. **Anais do XI CONSIPLE**. Salvador, SIPLE, 2017, p.159-166.

SANTOS, J. V. T. (Org.). **A Palavra e o gesto emparedados: a violência na escola**. PMPA, SMED, 1999.

SANTOS, J. V. T. **Violências e dilemas do controle social nas sociedades da “modernidade tardia”**. São Paulo em Perspectiva, a. 18, n. 1, 2004.



## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Patricia Vasconcelos Almeida** - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós-graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

**Mauriceia Silva de Paula Vieira** - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós-graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista..

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aleitamento 162, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 23, 24, 26, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 63, 66, 68, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 98, 102, 103, 116, 117, 122, 125, 128, 130, 135, 141, 153, 178

### B

Bilinguismo 88, 92, 102

### C

Competência leitora 119

Componente curricular 13, 14, 21, 22, 113, 119, 120

Conteúdos culturais 76

Cultura 23, 29, 32, 40, 42, 43, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 102, 104, 110, 112, 115, 117, 118, 121, 124, 128, 136, 142, 143, 144, 145, 151, 155, 156, 157, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 175, 176

### E

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 35, 36, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 59, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 107, 109, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 160, 178

Enunciados 29, 40, 47, 48, 100, 111, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 158

### G

Gênero discursivo 28, 29, 31

Gênero textual 41, 130, 137

### I

Inconsistências 51

Intercultural 22, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 63, 67, 68, 73, 74, 76, 77, 79, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 98, 99, 100, 103, 109

Interculturalidade 28, 30, 35, 36, 63, 64, 66, 67, 68, 99, 110, 112

Interferência 37, 39, 44, 47, 48

Interlíngua 37, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 53

Internacionalização 105, 106, 107, 108, 109, 112, 116

Inter-relações 141, 143

## L

Leitura 1, 2, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 27, 36, 73, 83, 91, 102, 111, 112, 118, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 142, 147, 153, 158, 174, 178

Letramento 12, 24, 36, 88, 89, 90, 91, 92, 98, 99, 100, 101, 103, 120, 122, 123, 124, 127, 128, 129, 131, 132, 151, 178

Língua 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 152, 153, 158, 160, 161, 178

Linguagem 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 35, 36, 48, 50, 60, 111, 112, 115, 117, 122, 124, 126, 129, 134, 136, 139, 142, 143, 146, 151, 154, 160, 161, 178

Língua inglesa 6, 7, 8, 13, 14, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 37, 47, 48, 112, 113, 118, 178

Língua portuguesa 37, 47, 48, 63, 72, 73, 75, 76, 78, 87, 88, 90, 91, 93, 97, 100, 101, 102, 119, 121, 122, 125, 127, 130, 131, 132, 137, 140, 158, 161, 178

Línguas 2, 3, 5, 11, 12, 15, 27, 28, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 71, 73, 74, 76, 77, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 108, 113, 114, 116, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 178

Literatura 5, 51, 54, 55, 74, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 153, 160

## M

Materiais didáticos 51, 73, 92

Mitos 12, 101, 153, 155, 156, 159

## P

Povos indígenas 88, 89, 90, 91, 92

Práticas 12, 23, 27, 28, 31, 34, 36, 40, 49, 63, 71, 72, 73, 76, 77, 87, 90, 92, 97, 99, 103, 106, 109, 122, 123, 125, 128, 135, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 166, 169, 176, 177, 178

Práticas de translinguismo 141, 142, 143, 145, 147, 148, 149, 150

## R

Recursos linguísticos 23, 55, 60, 152, 159

Representação simbólica 162

Representações 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 43, 100, 133, 163, 167, 168, 169

## S

Sistema linguístico 47, 53

Sociocultural 14, 39, 64, 68, 73, 80, 91, 99, 112, 162, 171

## T

Tarefas 7, 41, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 71, 78, 80, 81

## V

Varição linguística 13, 14, 15, 21, 24, 26

Violência 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 169, 174, 175



**EDITORIA  
ARTEMIS  
2020**